



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,18% São Paulo	136.550 136.865	R\$ 5,482 (-0,29%)	R\$ 1.518	R\$ 6,420	14,90%	14,90%	Janeiro/2025 0,16 Fevereiro/2025 1,31 Março/2025 0,56 Abril/2025 0,43 Maio/2025 0,26
1% Nova York	24/6 25/6 26/6 27/6	23/junho 5,503 24/junho 5,519 25/junho 5,555 26/junho 5,498					

MERCADO DE TRABALHO

Taxa de desemprego cai a 6,2% em maio

No trimestre iniciado em março, o contingente de trabalhadores com carteira assinada no setor privado atingiu patamar recorde de 39,8 milhões. O salário médio ficou estável em R\$ 3.457. Quantidade de desalentados é a menor desde 2016

» RAFAELA GONÇALVES

A taxa de desemprego no Brasil registrou uma redução de 0,6 ponto percentual no trimestre encerrado em maio, ficando em 6,2%. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o contingente de trabalhadores com carteira assinada no setor privado atingiu patamar recorde.

O número de pessoas desocupadas foi de 6,8 milhões, uma queda de 8,6% em comparação com o trimestre anterior, quando 7,5 milhões de pessoas estavam desocupadas. A quantidade de pessoas ocupadas em maio foi de 103,9 milhões de pessoas, um avanço de 1,2% na comparação com o trimestre anterior e alta de 2,5% na relação anual. Já o nível de ocupação, que responde pelo percentual de pessoas ocupadas em idade de trabalhar, atingiu 58,5%.

O contingente de pessoas com carteira assinada no setor privado atingiu 39,8 milhões de pessoas no trimestre encerrado em maio. Outro destaque foi a quantidade de desalentados, pessoas sem ocupação e que não buscam um trabalho, que teve uma redução de 10,6%, para 2,9 milhões, menor patamar desde 2016.

Segundo o analista da pesquisa, William Kratochwill, o resultado indica que o mercado de trabalho está no melhor patamar dos últimos 10 anos, em um cenário aquecido e com o aumento de vagas formais. “Os principais responsáveis para a redução expressiva da taxa de desocupação foram o aumento do contingente de ocupados, que cresceu 1,2 milhão de pessoas, naturalmente reduzindo a desocupação, além de taxas de subutilização mais baixas”, comentou.

Informalidade

A taxa de informalidade foi de 37,8% no período, o que corresponde a 39,3 milhões de trabalhadores



Para impulsionar o emprego com qualidade, o país precisa de um ambiente econômico mais previsível, com estímulos ao investimento, políticas de qualificação profissional e acesso ao crédito”

Pedro Ros, CEO da Referência Capital

informais. O índice é inferior ao verificado no trimestre móvel anterior, que era de 38,1%. A queda na informalidade é consequência da estabilidade do contingente de trabalhadores sem carteira assinada, acompanhada da alta de 3,7% do número de trabalhadores por conta própria com CNPJ.

Já a taxa composta de subutilização da força de trabalho — percentual de pessoas desocupadas, subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas e na força de trabalho potencial em relação à força de trabalho ampliada — ficou em 14,9%.

Dos 10 grupamentos de atividade investigados pela Pnad, apenas administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais registraram crescimento na ocupação. Os demais não apresentaram variação significativa.

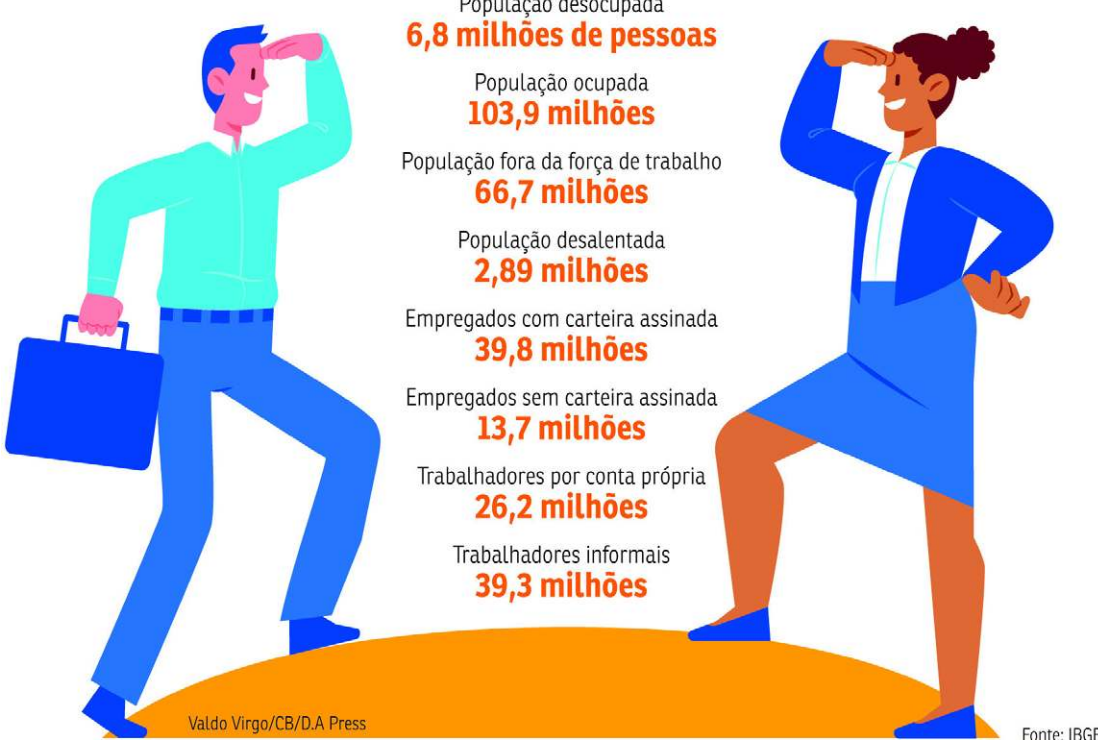
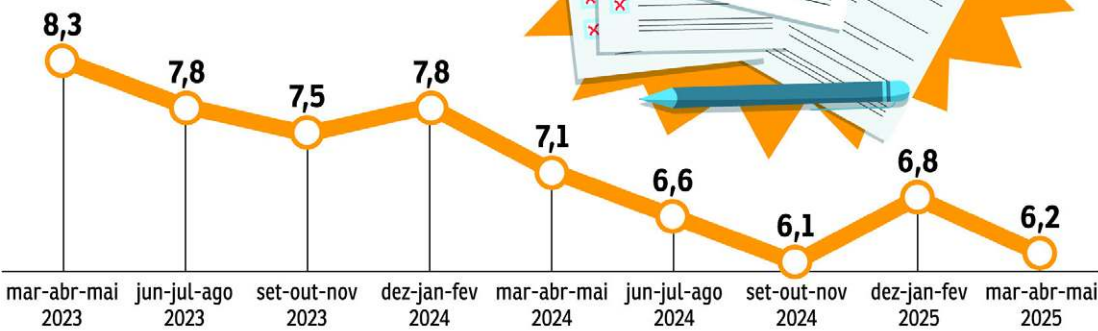
Segundo Pedro Ros, CEO da Referência Capital, o índice registrado sobre desemprego indica uma relativa resiliência do mercado de trabalho, mas ainda dentro de um cenário de crescimento moderado e heterogêneo. “A

Novo Recorde

Desemprego é o menor da série, iniciada em 2012

TAXA DE DESOCUPAÇÃO

Índice por trimestre (%)



criação de vagas ocorre de forma concentrada em setores de baixa produtividade, o que limita os ganhos de renda e a expansão do consumo”, ponderou.

“Para impulsionar o emprego com qualidade, o país precisa

de um ambiente econômico mais previsível, com estímulos ao investimento, políticas de qualificação profissional e acesso ao crédito. O desafio agora é transformar essa estabilidade em dinamismo real”, afirmou o especialista.

Rendimento

O rendimento médio mensal real habitual de todos os trabalhos chegou a R\$ 3.457 no trimestre de março a maio de 2025, resultado estável. O maior número de

pessoas ocupadas ampliou a base de rendimentos. A massa de rendimento real habitual, que é a soma das remunerações de todos os trabalhadores, atingiu R\$ 354,6 bilhões, batendo novo recorde, uma alta de 1,8% no trimestre.

“Como o rendimento médio real permaneceu estável, consequentemente ocorreu aumento da massa de rendimentos, ou seja, a maior massa de rendimentos resultou quase exclusivamente da expansão do volume de ocupados, e não de aumento do rendimento médio”, explicou o analista da pesquisa.

O resultado revela uma economia com o mercado de trabalho surpreendentemente resiliente, mesmo diante de juros elevados e crescimento econômico moderado. Para Igor Cadilhac, economista do PicPay, a leitura qualitativa do indicador sugere que o segmento segue robusto, e os sinais recentes de deterioração em sua composição parecem ter sido pontuais.

“Diante das surpresas observadas nos últimos meses e da natureza cíclica do mercado de trabalho, ainda esperamos uma desaceleração gradual do setor, embora ele deva permanecer nesses níveis historicamente mínimos por mais algum tempo”, avaliou. Para 2025, a projeção do economista é de uma taxa média de desemprego encerrando o ano em 6,4%.

Com os resultados, a XP manteve seu cenário base de mercado de trabalho aquecido, sem sinais evidentes de arrefecimento nas métricas principais. De acordo com Rodolfo Margato, economista da XP, o emprego total segue em alta, os salários reais continuam avançando, e a massa de renda permanece em forte expansão — fatores que mantêm os custos unitários do trabalho pressionados. “Esses elementos sustentam o cenário de atividade doméstica resiliente e de inflação de serviços ainda elevada em 2025”, destacou.

CONTAS PÚBLICAS

Dívida do governo sobe a R\$ 7,67 trilhões em maio

» RAPHAEL PATI

A Dívida Pública Federal subiu 0,71% em maio, passando de R\$ 7,61 trilhões para R\$ 7,67 trilhões, o que representa um aumento de R\$ 53,87 bilhões no estoque da dívida em apenas quatro semanas. O resultado consta do no Relatório Mensal da Dívida (RMD), divulgado ontem, pelo Tesouro Nacional,

O montante referente à Dívida Pública Mobiliária Federal interna (DPMFi), que representa a parte da dívida pública que pode ser paga na moeda nacional, ou seja, em reais, apresentou um crescimento de estoque de 0,7%, atingindo R\$ 7,36 trilhões. O Tesouro emitiu R\$ 108,5 bilhões em títulos da DPMFi no mês passado. Em valores nominais, os resgates somaram R\$ 183,52 bilhões nesse período. A dívida interna, no entanto, subiu

principalmente devido à apropriação de R\$ 75,86 bilhões em juros, no mês de maio.

Já a Dívida Pública Federal externa (DPFe) saltou 0,99%, para R\$ 309,17 bilhões. A alta de quase 1 dólar no câmbio no mês passado foi um dos fatores que mais pesaram nessa balança.

Em maio, os quatro grupos que integram a DPF (prefixado, índice de preços, taxa fluuante e câmbio) tiveram aumento de estoque. A maior parte da dívida pública corresponde ao grupo de taxa fluuante, que representa 48% de todo o estoque. O valor apropriado de juros já acumula R\$ 339 bilhões desde o início de 2025, segundo o relatório.

O colchão da dívida pública, que corresponde à reserva financeira utilizada normalmente em momentos de turbulência ou de forte



Para Helano Borges, o mercado diminuiu a percepção de risco

concentração de vencimentos, voltou a registrar queda em maio, após uma alta no mês de abril. Nesse período, ela passou de R\$ 904 bilhões para R\$ 861 bilhões no mês passado

e atingiu o menor nível desde agosto do ano passado. De acordo com o Tesouro Nacional, o principal motivo para essa queda foi o resgate líquido no mês passado.

Na avaliação do coordenador-geral de Controle e Pagamento da Dívida Pública, Helano Borges, a evolução das negociações tarifárias entre Estados Unidos e China foi um fator que ajudou a diminuir a percepção de risco nos mercados emergentes, como o Brasil, na conjuntura política de maio.

“A evolução das negociações tarifárias entre EUA e China, após um choque negativo inicial observado no ‘Liberation Day’, em abril, que trouxe bastante incerteza e volatilidade aos mercados, (levou) à interpretação de que os mercados caminhavam para níveis mais equilibrados, reduzindo o potencial de impacto inflacionário e recessivo”, comentou.

Para este mês de junho, Borges destacou que a equipe do Tesouro segue com a percepção positiva de avanço das negociações entre os dois países, apesar do aumento das tensões no Oriente Médio. “Isso denota um aspecto positivo no apetite a risco dos investidores”, acrescentou o coordenador-geral.

» Conta de luz segue mais cara em julho

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciou ontem o acionamento da Bandeira Vermelha patamar 1 nas contas de luz para o mês de julho, mantendo a mesma condição vigente ao longo de junho. Isso significa uma cobrança adicional de R\$ 4,46 a cada 100 quilowatts-hora (kWh) consumidos. De acordo com a agência reguladora, a manutenção da bandeira vermelha reflete a continuidade do cenário hidrológico negativo no país, com volume de água que chega aos reservatórios das hidrelétricas inferior à média histórica para o período, o que reduz a geração de energia por hidrelétricas.